

LIDERANÇAS FEMININAS NA HISTÓRIA DO BRASIL: MEMÓRIAS, CULTURA MATERIAL E AS REPRESENTAÇÕES EM MUSEUS HISTÓRICOS

FEMALE LEADERSHIP IN BRAZILIAN HISTORY: MEMORIES, MATERIAL CULTURE AND REPRESENTATIONS IN HISTORICAL MUSEUMS

Recebido em: 11/02/2025

Reenviado em: 28/05/2025

Aceito em: 09/06/2025

Publicado em: 29/10/2025

Jaqueline Aparecida Martins Zarbato¹ 

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo apresenta a investigação (pesquisa em andamento) sobre a educação em museus históricos e a igualdade de gênero, em que se prioriza analisar as representações culturais, políticas e sociais de mulheres e de que forma são apresentadas ao público escolar. Nesse sentido, pontua-se em discutir a história das mulheres/gênero numa concepção atrelada à museologia de gênero, fundamentando as leituras de mundo e sensibilização cultural em espaços dos museus. Destacamos neste artigo, a reflexão sobre três mulheres, (Anita Garibaldi, Maria Quitéria e Eva Maria de Jesus (Tia Eva) em três museus históricos de regiões do Brasil, a partir do que se ensina sobre elas nos museus, suas representações e suas histórias de liderança. Os acervos dos museus históricos no Brasil: Museu do Ipiranga (São Paulo), Museu Anita Garibaldi (Laguna/SC), Museu José Antônio Pereira/MS com a abordagem teórica acerca da construção da memória, das possibilidades e problematizações sobre ensinar acerca das mulheres, num panorama de uma liderança ou companheira de um homem. As exposições e documentos que são utilizados no setor educativo dos museus é o norteador da reflexão da pesquisa. Metodologicamente analisa as coleções, exposições que são utilizadas no setor educativo dos museus. Pensar sobre as práticas educativas dos museus que versam sobre as narrativas, memórias, imagens, contextos e que encaminham para a formação da consciência histórica, pensando o museu histórico como parte do patrimônio. Em outras palavras, pretende-se analisar a constituição histórico-educativa de aprendizagem nos museus, em que a se constitua como 'lugar' de pertença feminino, contribuindo para a partilha de memórias de um espaço, dos saberes femininos/feministas e de igualdade de gênero.

Palavras-chave: Lideranças Femininas; Representações Femininas; Educação Museal.

Abstract: This article presents the investigation (ongoing research) on education in historical museums and gender equality, in which priority is given to analyzing the cultural, political and social representations of women and how they are presented to the school public. In this sense, it is important to discuss the history of women/gender in a conception linked to gender museology, supporting readings of the world and cultural awareness in museum spaces. We highlight in this article, the reflection on three women, (Anita Garibaldi, Maria Quitéria and Eva Maria de Jesus (Tia Eva) in three historical museums in regions of Brazil, based on what is taught about them in museums, their representations and their stories of leadership. The collections of historical museums in Brazil: Museu do Ipiranga (São Paulo), Museu Anita Garibaldi (Laguna/SC), Museu José Antônio Pereira/MS with the theoretical approach to the construction of memory, of the possibilities and problematizations about teaching about Methodologically, it analyzes collections and exhibitions that are used in the educational sector of museums. Think about the educational practices of museums that deal with narratives, memories, images, contexts and that lead to the formation of historical consciousness, thinking of the historical museum as part of heritage. In other words, the aim is to analyze the historical-educational constitution of learning in museums, in which it is constituted as a 'place' of female belonging, contributing to the sharing of memories of a space, of feminine/feminist knowledge and gender equality.

Keywords: Female Leaders; Female Representations; Museum Education.

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Educação/CPTL/UFMS e do ProfHistória UFSC, da cidade de Florianópolis/SC/Brasil. Email: jaqueliene.zarbato@gmail.com

INTRODUÇÃO

Guerrilheiras, pescadoras, revolucionárias, líderes, mulheres, filhas, mães, esposas. Essas características geralmente não estão atreladas quando analisamos na História do Brasil a trajetória de mulheres expoentes nos períodos históricos no quais viveram. Este artigo pretende discorrer sobre três dessas mulheres, que possuem suas memórias narradas pela perspectiva da liderança feminina, com características vinculadas à vivência no espaço público e privado.

Nesse sentido, a investigação² se pautou pela representatividade feminina em museus, no sentido de problematizar a educação para públicos escolares sobre o saber/fazer feminino, atentando para os materiais didáticos, as apresentações e disponibilização de fontes/objetos/imagens de mulheres, bem como da reflexão dos usos e dos silenciamentos acerca da contribuição feminina em espaços de Revoltas, Revoluções e Lutas históricas no Brasil. Isso posto, problematiza-se a persistência do fato de “no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues” (Perrot, 1989, p. 9).

O conceito de museologia de gênero é relativamente recente, surgiu nos anos 1990, resultando da convergência de diferentes fatores, provenientes tanto da área específica da museologia como do campo dos estudos das mulheres e do gênero. Pode-se evocar a este propósito, no primeiro caso, a emergência da nova museologia, a qual apela ao papel social e inclusivo dos museus, valências que vêm na sequência de decisões expressas na Carta de Santiago do Chile de 1972 e na Declaração de Quebec, de 1984 (Vaquinhas, 2014, p. 9).

Analisando a museologia de gênero, compreende-se a função social do museu enquanto agente de comunicação e intervenção social, assim permitindo pensarmos sobre a emergência de problematizar as ações das mulheres neste espaço. Trata-se de ampliação do olhar, percebendo o bem patrimonial como sendo passível de leituras de mundo pelo viés feminino, mesmo ainda com um sentimento de estranhamento.

Além disso, pauta-se a análise pela dimensão da História das mulheres e a contribuição de seu saber cultural, no sentido de refletir sobre a representatividade e as experiências desse saber, remetendo a diferentes formas de ser e estar na sociedade. Conforme José A. Sánchez, o conceito de representatividade se apresenta como um cruzamento das noções de “representação mental” e “representação mimética”, no qual:

² Esse artigo apresenta alguns resultados da pesquisa: A educação em museus e a representatividade feminina: em busca da igualdade de gênero, financiado pelo CNPq/Fundect.

[...] reunir os traços ou características que se consideram comuns de um conjunto de coisas ou pessoas, ou que definem um grupo ou uma série de coisas ou pessoas. Trata-se do alto grau de coincidência entre como nos representamos mentalmente ou imaginariamente algo e a realização dessa imaginação em um objeto, situação ou pessoa (Sánchez, 2017, p. 62).

E neste processo histórico, a representatividade possibilita a politização dos sentidos, de vinculação com as características das mulheres nas exposições, nas coleções e são apresentadas nos museus. Ou seja, a representatividade se inscreve num campo de reflexão da ação social, fundamentação nas ações culturais das mulheres. Lançar o olhar para o processo de emancipação feminina contribui para a ampliação do conjunto de mulheres excluídas nos processos de decisões, nas dimensões de suas contribuições na sociedade. Para Michele Perrot (1990, p. 21), “escrever história exige ter fontes, sejam documentais ou não, mas até isso dificulta quando se trata da história das mulheres, sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos e, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios”.

A problematização da representação das mulheres em museus enquanto parte do patrimônio cultural remete a uma investigação que apresenta as contribuições femininas e as diferentes possibilidades de análise a partir dos ‘olhares’ em torno da edificação, coleções, peças das mulheres artistas, das esculturas, das exposições, das artes, do trabalho, da culinária. No caso de exposições, estas são potencializadoras da imersão histórica no museu: podem constituir-se como campo de análise a partir de uma linguagem histórica relacionando os tempos passado e presente. Ou como expõe Jean-Pierre Rioux, de que:

[...]: o presente tem sua chance diante de uma longa duração que parece ser – toda a obra de um Fernand Braudel foi construída em cima desse “parece” – a verdadeira modulação e a respiração vital do devir humano? (Rioux, 1999, p. 40).

Nesse processo, a linguagem passível de ser decodificada em coleções, em exposições dos museus se expressa na articulação entre lugar, objeto e tempo, e fundamenta leituras e concepções sobre cada objeto, sobre sua dimensão patrimonial, ampliando a função do museu enquanto espaço-tempo. Envereda-se, assim, para a reflexão sobre a proposição de leituras as quais versem sobre as contribuições femininas, em qual medida são expostas, as intenções, as identificações ou estranhamentos, nem sempre se inscreve nas exposições centrais em alguns museus.

Por isso, dialogar sobre os museus especificamente femininos ou identificados como tal favorece a percepção sobre o campo da museologia de gênero no Brasil, pois apresentam outras perspectivas para se pensar sobre o museu, nas quais as narrativas sejam pautadas pela

emancipação feminina, em que objetos culturais estejam em diferentes seções e não sejam designados em espaços como a cozinha, os quartos, os objetos pessoais.

Ana Cristina A. Oliveira, em seu estudo sobre as abordagens de gênero nos museus, aponta o poder das coleções em instâncias de legitimação de discursos, identidades e poderes, e precisam ser analisados e estudados, também, a partir do conceito de gênero e patriarcado (Oliveira, 2018, p. 244). Para a autora, a museologia brasileira precisa ser compreendida através do enlaçamento com os estudos de gênero e patriarcado. Essa pode ser a principal chave interpretativa para questionarmos aquilo considerado, aqui, a naturalização da presença e dos papéis exercidos por nós mulheres em nosso campo de conhecimento.

O entendimento sobre a função do museu modifica-se de espaço de/das memória(s) a espaço de problematização e diálogos sobre o passado-presente, ou como “um lugar para o sagrado, para o intangível, para o intocável, relacionado à percepção de tempo cronológico e essencialmente ligado à preservação” (Scheiner, 2009, p. 46).

Analisar a inclusão de gênero nos museus envolve a perspectiva da igualdade, colocando as mulheres em lugares de protagonismo histórico, em diversos contextos. Também nos ajuda a enxergar e criticar alguns discursos (religiosos, artísticos, médicos) que têm sido sustentados pelo sistema patriarcal dominante. Para Joan Scott (1995, p. 73), “[...] talvez o mais importante seja que, o gênero era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina.” Se analisarmos o contexto dos museus, a escolha do que representar sobre as mulheres recai sobre os setores educativos.

Desta forma, é importante compreender os patrimônios em sua concepção histórica, com estes não tendo sido concebidos pela inclusão do feminino, do gênero. Sua vinculação histórica e educacional se dá pelos objetos, mas não encaminha as singularidades de cada grupo em seu gênero. Para Maria Margareth Lopes, “[...] as mulheres têm atuado, e de forma decisiva, nos museus há séculos, embora sua ação não venha sendo exatamente reconhecida” (Lopes, 2006, p. 41). A história das mulheres, pautada pelas análises da historiadora Michele Perrot, contribui para a superação do silêncio sobre as mulheres. Para a autora:

escrever história exige ter fontes, sejam documentais ou não, mas até isso dificulta quando se trata da história das mulheres, sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos e, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios (Perrot, 1990, p. 21).

As mulheres agentes de períodos históricos, como a independência do Brasil, as lutas pelo fim da escravidão, por movimentos emancipatórios, em revoltas e revoluções, em movimentos educacionais, direta ou indiretamente, são restritas a alguns documentos. E estes, por sua vez, nem sempre são acessíveis às crianças em espaços escolares.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia da pesquisa envolveu as perspectivas da história das mulheres, museologia de gênero e educação em museus, com a investigação em fontes históricas como: imagens, documentos históricos, cadernos temáticos do setor educativo dos museus, objetos definidos nos museus como feminino/masculino, registros da liderança das mulheres. A intenção se deu em investigar pelos artefatos dos museus e compor uma narrativa diferenciadas para ensinar ao público escolar. É importante frisar o fato de dois museus (Museu Anita Garibaldi/SC e Museu José Antônio Pereira/MS) não possuírem setor educativo, enveredando, assim, para uma parceria entre a pesquisadora e os museus³.

Partiu-se de algumas categorias históricas para a reflexão sobre as representações de mulheres em museus, tais como: representação cultural/política feminina; educação em museus; fontes e abordagens sobre mulheres em museus históricos foram as principais na análise. Além disso, a investigação sobre a concepção/sistematização/efetivação dos setores educativos dos museus foi significativa para compor a investigação. No Museu Anita Garibaldi/SC, há eminentemente fontes femininas, sendo a maioria das peças/objetos diretamente relacionadas à trajetória de Anita Garibaldi. Já no campo educativo, o Museu do Ipiranga/SP possui o setor com uma equipe de educadoras, com materiais voltados ao público escolar. E no Museu José Antônio Pereira/MS, as atividades voltadas ao ensino, através dos objetos femininos no Museu, são pouco discutidas, ficando mais enfática a trajetória do fazendeiro/fundador da cidade de Campo Grande/MS como maior destaque nas narrativas⁴. Os museus, ainda, podem ser concebidos como espaços de pesquisas e estudos:

[...] a dimensão pedagógica do Museu, não está relacionada apenas com a apresentação dos objetos, mas certamente, na compreensão da historicidade do objeto museal. Assim, se concretiza uma práxis pedagógica, cuja relação sujeito-museólogo

³ Firmamos um acordo de cooperação entre o Grupo de Pesquisa Ensino de História, Mulheres e Patrimônio (GEMUP), o laboratório de História e Gênero, o laboratório de Imagem e Som/UFSC para construir o setor educativo do Museu Anita Garibaldi em 2025 e do Museu José Antônio Pereira em 2026.

⁴ Essas diferenças na apresentação e produção dos materiais educativos encaminham para “diferentes olhares” sobre a formação de professores/as, que culmina não só na recepção dos materiais como também das formas de ensinar sobre estes.

e sujeito-visitante é mediatizada pelo objeto museal, tomado enquanto objeto de conhecimento (Nascimento, 1998, p. 32-33).

Com isso, algumas questões foram utilizadas na pesquisa, para nortear as análises. Dentre as perguntas propostas, destacam-se: que documentos e fontes contam suas trajetórias femininas em museus? De que forma os setores educativos utilizam/se as representatividades das mulheres para ensinar sobre seus papéis na trajetória histórica? Para alcançar possíveis encaminhamentos para essas questões, investigou-se as concepções que norteiam a educação em museus a partir da perspectiva feminina/feminista. Compreende-se os espaços não formais e públicos como frutíferos para ensinar a história das mulheres, a partir de uma perspectiva emancipatória, valorizando a contribuição das mulheres nas lutas pelo Brasil. Sobre o silenciamento em relação às mulheres, Bonanchea destaca:

recuperar la memoria de las mujeres nos permite conocer una historia de desigualdad, [...] y dentro de esos instrumentos, la cultura tiene también su pequeña parcela: la de realizar actividades que fomenten la igualdad y la equidad de género al desarrollar proyectos que permitan dar visibilidad a las mujeres en la historia, las artes o la literatura (Bonanchea, 2016, p. 7-8).

Sobre a representação histórica feminina em museus, Rechen (2011, p. 13) afirma que “os museus estabelecem sistemas de categorização de parcelas da realidade (os bens culturais/objetos) contribuindo para a apreensão do mundo (como construtores de saberes) permitindo às pessoas orientar-se e relacionar-se com o património cultural preservado”. Em torno da valorização cultural das mulheres, em diferentes espaços como os museus, projeta-se a emancipação e sensibilização pela igualdade de gênero, entendido aqui como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 85). Nesse sentido, compreender que o gênero também se apresenta em espaços plurais como os museus, problematiza até mesmo as políticas de exposição, aquisição e divulgação sobre a história e luta das mulheres. Pois, “a existência ou não de equidade nos documentos, objetos e coleções que façam referência à história e memória das mulheres, nos mais diversos aspectos da vida social” (Oliveria; Queiroz, 2017, p. 65).

Irene Vaquinhas (2014), ao apresentar o conceito de museologia de gênero, retoma que desde os anos 1990 tem havido uma reflexão necessária, resultando da convergência de diferentes fatores, provenientes tanto da área específica da museologia, como do campo dos estudos das mulheres e do gênero.

Ana Cristina Audebert, em seu estudo sobre as abordagens de gênero nos museus, aponta para o caráter das coleções enquanto poderosas instâncias de legitimação de poderes, discursos e identidades, tornando necessária sua análise e estudado, também, a partir do conceito de gênero e patriarcado (Audebert, 2016, p. 244). Para a autora, a museologia brasileira precisa ser compreendida através do enlaçamento com os estudos de gênero e patriarcado. Essa pode ser a principal chave interpretativa para questionarmos o que consideramos ser a naturalização da presença e dos papéis exercidos por nós mulheres em nosso campo de conhecimento.

Segundo, Ana Audebert, se museus constroem seus discursos a partir de coleções e objetos negligenciando um aspecto tão estruturante das relações e práticas sociais como são as relações de gênero, os museus acabam por reforçar a lógica patriarcal dominante em vigor. E, com isso, os museus reproduzem as relações de poder ao preservarem referências culturais, a partir das questões simbólicas. Essa esfera simbólica atua no reforço de convenções socialmente aceitas, produzidas e reproduzidas. Assim, as representações simbólicas sustentam o papel importante na modelagem de identidades individuais e coletivas, inclusive nas de gênero. Por isso, é importante incorporar novas visões e leituras nos museus, na busca de desconstruir essa cultura simbólica andocêntrica da sociedade brasileira (Audebert, 2016, p. 260). Sobre a presença das mulheres e as ações nos museus, Brulon afirma que:

não se pode ignorar, entretanto, a enorme lacuna de pesquisas que resultem em produções reflexivas discutindo gênero e sexualidade que ainda se faz marcante na Museologia atual, se mantendo, esta disciplina, muito aquém de outras ciências humanas e sociais que já vêm há algumas décadas travando debates críticos e evidenciando seus centros políticos e normativos (Brulon, 2019, p. 20).

Pautamos também metodologicamente a investigação a partir de aportes teóricos da história das mulheres/gênero, pois quando “se trata da história das mulheres, sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos e seus arquivos destruídos” (Perrot, 1998, p. 210). Para Soihet e Pedro (2007, p. 282), “a categoria mulheres se inscreve no arcabouço das análises de gênero, pois problematiza o binarismo feminino/masculino biológico e a dominação masculina”. Assim, gênero se faz “sobre mulheres e homens, sobre como os traços atribuídos para cada sexo justificavam os diferentes tratamentos que cada um recebia, como eles naturalizavam o que era fato social” (Scott, 2012, p. 3).

Ao longo da pesquisa, percebeu-se ainda poucos estudos sobre as representatividades das mulheres líderes nos museus, suas trajetórias, saberes, fazeres⁵. Tendo como referência a perspectiva metodológica da educação, da educação museal, da história das mulheres e da museologia de gênero, os procedimentos da pesquisa foram construídos com base nas investigações prévias documentais, bibliográficas, para após isso realizar o levantamento documental no setor educativo dos museus, levantamento dos dados sobre as mulheres históricas, observação sistemática nas visitas aos museus, e catalogação das mulheres que constam nos materiais didáticos.

AS MULHERES NOS MUSEUS: PROBLEMATIZANDO AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS

Na análise realizada para esse artigo, apresenta-se alguns objetos históricos, descritos nesses lugares de memória como femininos. Assim como algumas imagens (quadros e fotografias) e materiais educativos dispostos nos museus. A escolha se deu pelas fontes que destacam o saber-fazer feminino, as narrativas sobre as mulheres e os usos histórico-didáticos a partir da representatividade feminina. Compreendo os setores educativos como parte de um espaço complexo e variado, trazendo em si mesmos modificações, transformações e inovações, levando ao entendimento de que são atravessados pelas transformações nas dimensões teóricas, pedagógicas e de ensino. Ademais, servem “como eixo transversal a ser impresso em todas as ações museísticas, bem como a necessidade de formação educativa de todos os profissionais que por ali circulam com suas práticas específicas” (Reis, 2009, p. 14).

O museu José Antônio Pereira está no espaço anteriormente ocupado pela Fazenda Bálsamo. Localizado na Avenida Guaicurus, sem número – Jardim Monte Alegre, Campo Grande – Mato Grosso do Sul, o local aceita visitas de terça a domingo, e não cobra taxa para entrada. O museu possui o intuito de manter vivo o histórico da família Pereira e seus antecedentes, e isto é apresentado em sua exposição permanente. É a antiga residência de Antônio Luiz, filho do fundador de Campo Grande, oferecendo aos visitantes a oportunidade de conhecer a pequena casa, os móveis e objetos da família, disponibilizando a ideia de como viviam as pessoas dessa época.

O museu foi reformado no ano de 1999 e atualmente é gerido pela prefeitura, mas ainda não possui uma organização definida das coleções, exposições e setor educativo com enfoque

⁵ Na pesquisa de teses e dissertações, não foram encontradas pesquisas específicas sobre as mulheres e representatividades nos setores educativos de museus históricos.

histórico. A parte histórico-educativa acontece com a contribuição de uma pessoa (técnica) que faz o acompanhamento na visita guiada, mas não segue critérios de explicações sobre os objetos históricos (datação, utilização, vinculação com a cidade, o Estado e/ou com as pessoas que residiam na casa e na cidade de Campo Grande). Os materiais disponibilizados são em sua maioria utensílios domésticos e outros utilizados em trabalhos na fazenda Bálamo. É urgente uma ação educativa promotora de reflexão, esclarecendo à sociedade a importância da preservação desse bem cultural o qual, conforme Souza Filho (1997, p. 42), “é aquele bem jurídico que, alpe de ser objeto de direito, está protegido por ser representativo, evocativo ou identificador de uma expressão cultural relevante”.

Porém, é importante ressaltar o fato de velhas identidades calcadas no ser masculino/herói, predominantes tanto tempo no mundo social, caíram em declínio, dando espaço a novas identidades de um indivíduo mais fragmentado e moderno. Utilizar dessa ideia como prática museológica pode tornar a visita mais atrativa para uma quantidade maior de pessoas, podendo fazer uso, por exemplo, do diálogo entre História e Museologia de Gênero. Em frente à casa de pau a pique, sede do museu, está a estátua de Antônio Luiz, Anna Luzia e Carlinda Contar. Respectivamente filho, nora e neta de José Antônio Pereira. É uma estátua com muitas histórias contraditórias: diversos sites, notícias e teses a tratam como sendo do próprio descobridor de Campo Grande. Feita pelo artista plástico José Carlos da Silva, conhecido como “Índio”, foi entregue ao museu na década de 1980.

Alguns dos objetos históricos analisados para a construção do “guia didático”⁶ tem um encaminhamento sobre a reflexão do que foi descrito no museu como “artefatos femininos e artefatos masculinos”. Nesse sentido, elenca-se os objetos com a descrição/narrativa de cada gênero no museu. Assim como a problematização sobre isso e, em última instância, como um museu descrito como responsável pela memória da cidade de Campo Grande/MS, deixa de fora a presença de outras pessoas históricas, como a ex-escrava Eva Maria de Jesus (Tia Eva).

⁶ Em 2019 iniciamos a construção de materiais didáticos a serem utilizados nas visitas escolares nos museus, vinculados à pesquisa.

Imagem 1 – museu JAP/2019.



Fonte: Zarbato (2019).

Imagem 2 – imagem da família Pereira/2019



Fonte: Zarbato (2019).

Na análise sobre os objetos e elementos dispostos na cozinha do Museu, buscou-se dialogar e pontuar os objetos com potencial representar o cotidiano feminino, suas ações, buscando interpretar os objetos do museu e propondo diálogos sobre as memórias produzidas. As ligações entre produção da memória, identidades e identificações de determinados grupos culturais expostas em museus tem sua singularidade, e estão fundamentadas em algumas concepções de representatividade para a sociedade contemporânea.

Ao adentrar um museu, emerge em cada um de nós uma série de sentimentos, identificações, memórias relacionadas a este bem patrimonial como testemunho material para a história, tanto do ponto de vista da ocupação do espaço da cidade quanto dos padrões estéticos e expressivos de memória evocada pela circularidade na edificação. Nas imagens abaixo tem-se os objetos presentes na casa, principalmente na cozinha: panelas, jarras, utensílios descritos e narrados como parte do fazer feminino.

Imagem 3 – cozinha do MJAP.



Fonte: Zarbato (2019).

Imagem 4 – cozinha do MJAP.



Fonte: Zarbato (2019).

Ao naturalizar a exclusividade de uso feminino dos objetos dispostos na cozinha, se remonta aos discursos patriarcais de “um lugar privado para as mulheres”. Além disso, a problematização de que mesmo no século XIX diferentes mulheres transitavam pela cozinha é algo necessário, pois muitas mulheres negras e indígenas permaneciam nas casas das fazendas para os afazeres domésticos, embora haja um silenciamento sobre elas. São memórias perdidas na imensidão do silenciamento político, cultural, ignorando o trabalho das mulheres para o desenvolvimento social. Por isso se torna importante:

recuperar la memoria de las mujeres nos permite conocer una historia de desigualdad, de imposición de cánones patriarcales y de roles de género que, perpetuados durante siglos, nos llevan a un presente en el que aún permanecen sedimentos de discriminación que en ocasiones se manifiestan en la violencia contra las mujeres (Bonachea, 2016, p. 7-8).

Percebe-se com a abordagem sobre a representação feminina a possibilidade de problematizar os espaços privados e públicos, em diferentes períodos históricos. No caso do Museu José Antônio Pereira, há espaços vinculados com o feminino, mas não há menção ao saber-fazer das mulheres. Um dos espaços é o quarto, no qual há utensílios reconhecidos como das filhas de José Antônio Pereira.

A partir das imagens abaixo, suscitam-se problematizações sobre a presença feminina na fazenda Bálsamo. São objetos datados do século XIX, comum em quartos, como uma cama de solteiro/a, com madeira simples sem muitos detalhes, o baú no qual se guardavam as roupas da pessoa, um baú menor onde geralmente eram guardados alguns objetos menores. As narrativas destacam que era o quarto da neta de José Antônio Pereira, nos levando a questionar sobre aspectos como: espaço feminino na casa-museu; usos de objetos estritamente femininos ou mesmo, na perspectiva das transformações dos objetos disponíveis nos quartos das casas ao longo da história.

Imagem 5 – foto do quarto feminino.



Fonte: Zarbato (2019).

A falta de um setor educativo no museu impele a algumas narrativas de manutenção da noção da existência de espaços específicos para mulheres, sua circulação e seus saberes. Por isso, uma das abordagens que pode contribuir com a análise de diferentes mulheres no período no qual existia a Fazenda Bálsamo se dá pela trajetória de Eva Maria de Jesus. Mesmo com o museu tendo a herança cultural da família Pereira, é possível ampliar a dimensão estratégica de ensinar a história das mulheres pela contribuição de mulheres brancas, negras e indígenas. Entretanto, não há menção em nenhum dos espaços do museu da descrição/apresentação/contribuição das mulheres habitantes daquele espaço ou da convivência naquele período histórico. Os objetos são definidos como parte do feminino, mas de um

feminino não presente em rostos, mãos, detalhes de vida, história e trajetória com os usos dos objetos. São apenas objetos, sem mulheres ensinando sobre os usos deles.

O museu casa Anita Garibaldi, em Laguna/SC consiste numa casa típica colonial luso brasileira construída por volta de 1711, com objetos e elementos remontando à representatividade de Anita Garibaldi, com móveis da época, um lampião do barco Seival, painéis apresentando a trajetória de Anita, uma urna com terra da sepultura de Anita Garibaldi e algumas imagens representando sua trajetória no contexto da Revolução Farroupilha⁷. As narrativas denotam que Anita Garibaldi vestiu-se para o seu primeiro casamento com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar nesta casa, edificação tornada museu em 1978.

Imagem 6 - Museu Anita Garibaldi.



Fonte: FLC (2024).

Há na exposição permanente as fotografias e quadros de Anita, com as variações de apresentação de sua vestimenta, postura, trajetória na cidade e na Revolução Farroupilha, na Luta pela Proclamação da República Romana, seu casamento com Giusepe Garibaldi, mapas, entre outros documentos. As imagens apresentam Anita de forma diferente e isso já possibilita a problematização, pois nenhuma delas apresenta suas lutas históricas, com o simbolismo de uma liderança. As narrativas ainda a colocam ao lado do companheiro Giuseppe Garibaldi e de seus filhos.

Imagem 7 – quadros de Anita Garibaldi



Fonte: Zarbato (2024).

⁷ Neste museu construí uma parceria com a fundação cultural de Laguna/SC, para aprofundar as ações de ensino/pesquisa com os materiais do museu nas ações de formação com os/as professores/as.

Imagem 8 – genealogia da família.



Fonte: Zarbato (2024).

Essas imagens (quadro, fotografia) podem ser problematizadas a partir do contexto histórico no qual Anita vivenciou sua trajetória como liderança na Revolução Farroupilha, sendo mãe, esposa. Isto nos leva a discutir a importância de estabelecer a sua trajetória pela perspectiva de uma liderança feminina, aguerrida na luta pela liberdade. Suas lutas possibilitam a mulheres de outros tempos históricos serem reconhecidas por suas atuações políticas, sociais e culturais, não sendo estigmatizadas e nem idealizadas. Assim, ensinar sobre as mulheres no Brasil em suas particularidades, com suas identidades e identificações, num processo de ensino que agregue os anseios sociais do século XXI, questionar as formas instituídas de pensar os sujeitos e suas identidades (Morin, 2011).

Imagem 9 - quadro Anita.



Fonte: Zarbato, (2024).

Imagem 10 – quadro Anita.



Fonte: Zerbato (2024).

Esses quadros representam Anita nas suas lutas: na primeira imagem com a vestimenta utilizada na Revolução Farroupilha com o filho no colo e, na segunda, sendo carregada por soldados, nas lutas na Itália. Nesse processo de análise, a possibilidade de dialogar sobre os posicionamentos de uma mulher que lutou em Revoluções no Brasil e na Itália, mesmo com seus filhos com ela, pode contribuir para a interpretação sobre as ações políticas femininas no século XIX, para além do espaço doméstico. Nesse sentido, o museu pode significar um espaço de congregação das narrativas da emancipação feminina, na busca pela igualdade de gênero, pois os “[...] os museus estabelecem sistemas de categorização de parcelas da realidade (os bens culturais/objetos) contribuindo para a apreensão do mundo (como construtores de saberes) permitindo às pessoas orientar-se e relacionar-se com o património cultural preservado” (Rechena, 2011, p. 13).

Outro museu presente na análise do projeto será o Museu do Ipiranga/SP, no qual há setor educativo estabelecido, com educadoras museais preocupados em construir materiais e narrativas para serem apresentadas a grupos escolares. Esse é o museu com o material mais fundamentado para ensinar sobre as mulheres. Há materiais já constituídos, sobre os quais versaremos sobre como utilizar, bem como aprofundar a utilização de outros para a formação de professores/as. A ação educativa do museu está organizada em três eixos: visitas, formações e outras propostas relacionadas aos diferentes perfis de público da instituição.

“Para a formação de professores, são oferecidos cursos de formação regulares relacionados às temáticas das exposições do Museu, assim como materiais de apoio às ações educativas desenvolvidas em sala de aula” (MI, Setor educativo, 2020). Nos deteremos, como foi proposta a parceria com o setor educativo do Museu do Ipiranga, nos materiais já

produzidos, buscando aprimorar as discussões sobre a importância das mulheres brancas e negras para ensinar. Entre os materiais iniciais da análise está o material para professores: *Uma história do Brasil*, os materiais *Casas e Coisas* e *Mundos do Trabalho*. O problema de pesquisa é: em qual medida os setores educativos dos museus selecionados, conseguem articular as tendências da educação museal para a formação de professores/as, no sentido de mobilizar fontes/materiais que apresentem e ensinem sobre a contribuição e representatividade das mulheres históricas? Sendo assim, o estudo se situa na análise da configuração dos museus contemporâneos, na museologia social, bem como suas estratégias de formação de professores/as no setor educativo em busca da igualdade de gênero.

O Museu do Ipiranga é a sede do Museu Paulista, especializado em história e cultura material e integra a Universidade de São Paulo. O edifício no qual hoje estão instaladas as exposições e espaços para atividades educativas e culturais foi projetado para ser um monumento em comemoração à Proclamação da Independência, ocorrida em 1822. O edifício foi construído entre 1885 e 1890, e em 1895 o recém-criado Museu do Estado foi transferido para o monumento (Museu Ipiranga, 2022).

Imagem 11 – Museu do Ipiranga.



Fonte: Museu do Ipiranga (site oficial) (2022).

Segundo o documento de apresentação do setor educativo, “desde sua abertura ao público, ainda no século XIX, o Museu do Ipiranga estabeleceu uma relação muito próxima com a educação formal” (Museu do Ipiranga, 2022, p. 3). Por se tratar do espaço no qual foram desenvolvidas as análises focalizamos na ação educativa com a seleção de alguns materiais educativos, os quais pontualmente abordam o saber/fazer feminino. Como museu universitário, o Museu Paulista estabeleceu sua missão “já no século 21” (Museu do Ipiranga, 2022, p. 6):

promover a educação em todos os níveis e desenvolver atividades de extensão e cultura tendo como referência o patrimônio material que coleta e conserva, por meio da produção de conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira (Museu do Ipiranga, 2022, p. 6).

Na apresentação da parte educativa do museu, está destacado: “a ação Educativa do Museu do Ipiranga está organizada em três eixos que abrangem visitas, formações e outras propostas relacionadas aos diferentes perfis de público da instituição” (Museu do Ipiranga, 2022, p. 6). Mesmo tendo um amplo programa de propostas educativas, investigou-se alguns dos materiais didáticos que versam, apresentam, discutem e analisam o saber/fazer de mulheres. Compreende-se esses materiais como fontes históricas, podendo contribuir com a formação de crianças e jovens, uma vez que as propostas educativas foram:

pensadas especialmente para este público: professores e alunos de diversas faixas etárias e etapas de escolarização (Ed. Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Superior) (Museu do Ipiranga, 2022, p. 6).

O material foi projetado visando o atendimento de professores/as visitantes do museu e seus estudantes de várias idades. Ao ter esse material o/a professor/a inicia sua sensibilização no museu, entrelaçando seus conhecimentos com aquilo apresentado no setor educativo. Este, por sua vez, tem a proposta de trabalho com os/as professores/as. O objetivo é caracterizado por:

ampliar canais de diálogo entre o Museu e profissionais de educação de escolas públicas ou privadas, contribuindo para o desenvolvimento de diferentes propostas pedagógicas e fomentando a apropriação das discussões propostas pela instituição a partir de obras de seu acervo (Museu do Ipiranga, 2022, p. 6).

Ainda na apresentação dos materiais didáticos, há a apresentação de que as:

publicações que aqui são apresentadas têm como objetivo cumprir a missão do Museu Paulista, de divulgação do conhecimento (...) em especial, a importância institucional dada à área de educação pelo Museu Paulista que, historicamente, mantém uma grande proximidade com o público escolar – professores e estudantes. Assim, ressalta-se a dedicação dada à produção do material didático de apoio para professores da rede de ensino básico (fundamental e médio), sobre os assuntos tratados nas exposições de longa duração (Museu do Ipiranga, 2022, s.p.).

Dessa forma, compreendeu-se os materiais didáticos como tendo sua fundamentação teórica e metodológica com bases nos bens culturais das exposições de longa duração, e isto permite a visita de forma integrada, utilizando os recursos dos materiais didáticos, o

conhecimento de educadores/as do museu, e dos bens culturais citados nos materiais didáticos. E nesse sentido, nossa investigação se detalhou com mais aprofundamento, ressaltando os bem culturais, imagens, documentos sobre as mulheres na História, principalmente do Brasil.

Os materiais didáticos estão divididos em: *Por onde começar? Para Entender o Museu, Uma História do Brasil, Passados Imaginados, Territórios em Disputa, Mundos do Trabalho, Casas e Coisas, A Cidade Vista de Cima, Ciclo Curatorial*. Foram produzidos pela equipe de profissionais do setor educativo, coordenados por Isabela Ribeiro de Arruda, Denise Cristina Carminatti Peixoto, Vanessa Costa Ribeiro. A concepção do material foi de Laíza Santana Oliveira e Sofia González e a pesquisa e produção de textos por Letícia Suárez e Victor Sofia González⁸. A imagem abaixo apresenta os materiais didáticos (digitais e físicos), os quais possuem em torno de 18 a 20 páginas, em linguagem dedicada aos/as professores/as.

Imagem 12 - livretos didáticos.



Fonte: MI, Livreto *Por Onde Começar?* (2022, p. 12).

Nesse material foi destacado o texto e imagem de Maria Leopoldina e de Maria Quitéria de Jesus:

Imagem 13- capa, excerto do livreto.

⁸ Não há, nos documentos menção a formação dos membros da equipe.



Fonte: MI, Livreto *Uma História do Brasil*, 2022, p. 15.

No texto acima intitulado “O salão nobre em 1922” discorre-se sobre o espaço do salão nobre, no qual “Afonso Taunay encomendou pinturas para a decoração do Salão Nobre. Todas as imagens ali presentes deveriam convergir para a Independência” (MI, livreto *Uma História do Brasil*, 2022, p. 15). Em relação às mulheres o texto discorre sobre os dois retratos femininos, dispostos um em frente ao outro por Afonso Taunay⁹. Para tal, apresenta as seguintes informações:

Que diferenças podemos estabelecer entre as duas mulheres? Que papel desempenharam no processo de independência? Ambas foram produzidas pelo artista Domenico Failutti, sob encomenda de Taunay. Aos homens couberam múltiplos papéis na narrativa da exposição, já às mulheres foram designados apenas dois. Maria Quitéria fugiu de casa, cortou os cabelos e se infiltrou, fingindo ser homem, nas tropas que combatiam a presença portuguesa na Bahia entre 1822 e 1823. Repare nos planos ao fundo da pintura: a Bahia está representada pela paisagem do Recôncavo da Baía de Todos os Santos. A tela apresenta a personagem vestida com trajes militares, com destaque para o saiote adicionado ao uniforme. A representação de Quitéria foi inspirada num desenho do século 19, em que ela não aparece **em meio às batalhas** de que fez parte. Mas sua atuação é lembrada como indicativo de que a Independência teria sido aspiração universal, a ponto de uma mulher abandonar seus “**atributos femininos**” para se engajar na luta pela emancipação. Já Dona Leopoldina foi representada junto às suas filhas e de seu filho, Pedro de Alcântara, futuro dom Pedro II, ainda bebê. Isso significa que não foi dado destaque à participação política da imperatriz no processo de Independência, reduzindo sua contribuição à sua condição de mãe do segundo imperador. Sua presença no Salão Nobre funciona como um ponto de tranquilidade no contexto de transformação que a Independência representa, em contraponto à **belicosidade** de Maria Quitéria (MI, livreto *Uma História do Brasil*, 2022, p. 15, grifos da autora).

Percebe-se a preocupação da equipe em narrar sobre Maria Leopoldina e Maria Quitéria de Jesus, dialogando sobre as representações de ambas no processo de independência do Brasil. Como o livreto apresenta, mesmo resumidamente, a incorporação dos quadros das duas

⁹ Afonso Taunay foi diretor do Museu do Ipiranga por 28 anos, entre 1917 e 1945, de forma que sua atuação à frente da instituição tem reverberações até os dias atuais.

mulheres na exposição, problematizando a inclusão dos quadros com essas mulheres, inclusive um de frente ao outro. Abordar a História das mulheres e a contribuição de seu saber cultural contribui para refletir sobre a representatividade e as experiências desse saber, remetendo a diferentes formas de ser e estar na sociedade.

Ana Cristina A. Oliveira, em seu estudo sobre as abordagens de gênero nos museus, aponta que as coleções são poderosas instâncias de legitimação de poderes, discursos e identidades e precisam ser analisados e estudados, também, a partir do conceito de gênero e patriarcado. (Oliveira, 2018, p. 244). Para a autora, a museologia brasileira precisa ser compreendida, através, do enlaçamento com os estudos de gênero e patriarcado. Essa pode ser a principal chave interpretativa, para questionarmos o que consideramos ser a naturalização da presença e dos papéis exercidos por nós mulheres em nosso campo de conhecimento.

O entendimento sobre a função do museu modifica-se de espaço das de memória a espaço de problematização e diálogos sobre o passado-presente, ou como “um lugar para o sagrado, para o intangível, para o intocável, relacionado à percepção de tempo cronológico e essencialmente ligado à preservação” (Scheiner, 2009, p. 46). George Hein (1998), um dos autores a dialogar sobre a educação em museus, atrela a concepção histórica a um modelo de “museu construtivista”. Neste sentido, o autor destaca o fato de os diversos estilos de aprendizagem dos públicos deverem ser tidos em atenção pelos educadores de museu. É essencial saber como o meio social e cultural dos indivíduos influencia as suas experiências como visitantes. Interessa também dar a conhecer aos visitantes o processo de pensamento subjacente à exposição e envolvê-los neste processo de vários modos. Ou seja, é possível envolver as possibilidades de igualdade de gênero, para ressignificar algumas produções do setor educativo.

As mulheres agentes em períodos históricos como a independência do Brasil, as lutas pelo fim da escravização, por movimentos emancipatórios, em revoltas e revoluções, em movimentos educacionais, direta ou indiretamente, são restritas a alguns documentos nem sempre acessíveis às crianças e adolescentes em espaços escolares. O movimento de representar e apresentar as trajetórias de mulheres como líderes históricas impulsiona outras possibilidades de apreensão da contribuição feminina ao longo da história do Brasil, não como coadjuvante/esposa/companheira de homens, mas sim com suas posições políticas, ideológicas, culturais, ou seja, promover esse debate em espaços de memória como os museus, tornando possíveis outras e talvez novas fontes sobre o fazer feminino.

Os artefatos, objetos, visualidades, vestimentas, adornos, símbolos femininos são analisados como “o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização em sociedade (e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato)” (Meneses, 1983, p. 112-113). Deste modo, este trabalho se propõe a enfrentar um dos desafios da educação museal: fomentar a partir de aulas oficinas os materiais dispostos sobre as mulheres históricas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Deborah dos Reis. **Licenças maternidade e paternidade e a (des)igualdade de gênero no direito do trabalho brasileiro**. 2020. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- ARRUDA, Angela et al. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Organização de Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- BESSEN, F.; TECCHIO, E.; FIALHO, F. A. P. Authentic leadership and knowledge management. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 2–14, 23 fev. 2017.
- DAIBERT, Robert. A religião dos Bantos: Novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 7-25, jan./jun. 2015.
- DANTAS, Fernanda Argolo. **Dilma Rousseff: uma mulher fora do lugar. As narrativas da mídia sobre a primeira Presidenta do Brasil**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- DE OLIVEIRA, Filipa Neiva Santos. Comunicação das Organizações: Um olhar sobre a importância da Comunicação Interna. **Media & Jornalismo**, Lisboa, v. 18, n. 33, p. 61-74, 2018.
- DORNELES, Éverton L. M.; SALVAGNI, J.; NODARI, C. H. A liderança como diferencial nas organizações: um estudo sobre a percepção dos gestores. **HOLOS**, Natal, v. 8, p. 172–190, 2017. DOI: 10.15628/holos.2017.4151. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4151>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- DUARTE, Giovana; SPINELLI, Letícia Machado. Mulheres No Mundo Do Trabalho: dupla jornada, desigualdade salarial e assédio. In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, 7., 2018, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2018.
- FIRMINO, D. DE B.; MOREIRA, A. P. C. Liderança feminina. 2018. TCC (Graduação em Administração) - Centro Universitário Doctum, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/handle/123456789/2202>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- FRAGA, T. M. R. **O impacto da liderança na performance organizacional**. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão) - Instituto Politécnico do Porto, Porto, 2018. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.14/25734>. Acesso em: 15 nov. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 62-74, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan.-jun. 2003.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: SANTOS, Sales Augusto dos (org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.

GONZALEZ, Lélia. **Cultura, etnicidade e trabalho**: efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. 1979. Artigo (Annual Meeting of the Latin American Studies Association) - Pittsburgh, 1979.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. **African-American Political Caucus**, Baltimore, 1984.

LIMA, M. S. Cooperativismo: uma experiência feminina na arte de produzir conquistas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 209-232, abr. 2012.

NASCIMENTO, M. A. do. Gestão feminina: a liderança feminina nas organizações brasileiras. **Ideias e Inovação - Lato Sensu**, Itumbiara, v. 4, n. 2, p. 57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/ideiaseinovacao/article/view/5608>. Acesso em: 15 maio 2018.

PEREIRA, D. A. C.; SILVA, K. C. Q. DA; PRAZERES, F. S. DOS. Gestão com mulheres na liderança. **Revista de Iniciação Científica**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 1-10, 2019. Disponível em: <https://ric.cps.sp.gov.br>. Acesso em: 18 out. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado e Violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

STREY, Marlene Neves. GÊNERO. In: STREY, Marlene Neves *et al.* **Psicologia social contemporânea: livro-texto**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 156-170.